



Revista Brasil Energia – Ed. Nº 358 – setembro/2010

03.09.2010] 11h05m / Cláudia Siqueira

## **Roberto Benjamin: O que a Bahia tem... a oferecer**

*À frente da Secretaria Extraordinária da Indústria Naval e Portuária da Bahia, criada em setembro de 2009, Roberto Benjamin tem buscado resgatar o tempo áureo da indústria offshore baiana e viabilizar a criação de um estaleiro, quatro canteiros de módulos e a continuidade dos trabalhos em São Roque. Sem recursos próprios e dependendo do apoio financeiro de outras secretarias, a tarefa não é fácil. Benjamin, porém, diz ter um trunfo: a vantagem competitiva da mão de obra local.*

### **Qual a proposta da Bahia para o setor petróleo e a indústria naval?**

O governo estadual tomou consciência do que precisa fazer para resgatar a relevância que a Bahia já teve no cenário de construção offshore do Brasil e vem criando parcerias com a iniciativa privada. No passado, foram construídas aqui plataformas de concreto, que, na época, eram tecnologia de ponta no Brasil. Depois vieram as plataformas de aço, também com tecnologia de ponta, e a Bahia sempre presente, seja construindo jaquetas, convés ou módulos. Nunca estivemos ausentes, e não tínhamos um canteirinho só. Eram cinco canteiros operando ao mesmo tempo nos anos 80 e 90. Aí o petróleo foi para águas profundas e a vaca foi para o brejo.

### **É possível recuperar essa participação expressiva?**

Isso só o tempo dirá. O que afirmo é que a Bahia está fazendo seu dever de casa, seja o governo, seja as empresas privadas com que temos dialogado, baianos e “novos baianos”.

### **Quem são os “novos baianos”?**

(Risos) Não vou citar nomes, porque há muitas empresas envolvidas e ainda há transações não concluídas. Quando falo “novos baianos” é para sensibilizar aqueles que são baianos e não estão comprometidos com a Bahia. Há aqueles que já ganharam dimensão nacional ou multinacional e que não dão a devida atenção ao estado. Mas antes que você pergunte de novo, não vou dizer quem são.

### **O governo está atuando em que frentes?**

Nossa estratégia está baseada em um tripé. Há o canteiro de São Roque, que hoje emprega 2 mil pessoas, construindo a P-59 e a P-60, e nosso foco é mantê-lo depois dessas obras, para que não aconteça como no passado, quando virou pasto de gado por muitos anos. A segunda perna do tripé é o estaleiro Enseada do Paraguaçu, uma parceria do governo com Odebrecht, OAS e UTC, que ainda está sendo definido. O governo fez sua parte, que era obter a licença ambiental, e o consórcio agora tem de ganhar a concorrência (das sondas da Petrobras). A terceira e última frente são os canteiros de módulos da Baía de Aratu. Devemos anunciar quatro novos canteiros de módulos agora em setembro. Com isso, a Bahia quer entrar 2011 com a infraestrutura necessária para disputar contratos da Petrobras. Conseguindo colocar essa estratégia em funcionamento, teremos feito o dever de casa e estaremos prontos para disputar.

### **Qual o investimento necessário para os três polos?**

Cerca de R\$ 1 bilhão, embora se especule que o montante seja muito maior. O investimento do estaleiro, o maior deles, deve ficar em R\$ 700 milhões. O que mais interessa é a capacidade de geração de emprego e renda, que é o negócio do governo.

### **Como o governo vai manter São Roque ativo após as obras da P-59 e P-60? O que está nos planos?**

Iniciamos um diálogo com a Petrobras, dizendo, inclusive, que estamos dispostos a pedir a cessão do canteiro de São Roque para o governo do estado. Já enviamos uma carta para eles sobre nossas intenções, caso nossas conversas sobre o programa da própria Petrobras não sejam bem-sucedidas. Estamos dispostos a buscar uma solução, desde que a coisa esteja sob nosso domínio e controle.

### **Então o estado vai gerir isso?**

O estado não tem vontade de ser empresário. Não é isso. Mas o estado tendo essa área sob seu domínio, ele sem dúvida pode encontrar uma solução com a iniciativa privada que viabilize a continuidade de São Roque de maneira permanente, e não da maneira como está, sujeito aos altos e baixos da Petrobras.

O Enseada do Paraguaçu se viabiliza independente do resultado da licitação de sondas?

Isso só o consórcio pode dizer. Como governo, não estamos assumindo isso, estamos sendo muito conservadores. Tenho de respeitar o que a iniciativa privada está dizendo. O que vamos fazer é cobrar.

### **Qual o papel do estado nesse projeto?**

Por ser uma área privada, o governo está ajudando a criar condições preferenciais de negociar a área sem pagar preços absurdos por ela. Estamos entrando com todo o apoio no licenciamento ambiental, no Ibama, a mais de sete instituições que dão anuência para a licença ambiental e ao IMA (Instituto do Meio Ambiente, órgão ambiental da Bahia). Além disso, estamos seriamente empenhados na qualificação e no treinamento futuro da mão de obra para atender a essa demanda, e esse será o grande desafio. Para isso, o governo está acionando um grupo de multissetoriais e utilizando toda a infraestrutura e apoio existentes dos governos federal, estadual e municipais, para não perdermos a

chance de treinar a mão de obra local com qualidade e quantidade de modo a atender ao empresariado. Na minha opinião, esse será o diferencial de quem vier atuar na Bahia. Nossa mão de obra é conhecida no Brasil inteiro, nossos soldadores são famosos pela qualidade e criatividade. Já fizemos isso no passado, em condições muito mais difíceis que agora, quando temos muito mais meios de fazer tudo com mais competência e em menos tempo. Se essas três pernas do tripé funcionarem, estamos falando de 15 mil empregos qualificados nos próximos anos, sendo 2 mil em São Roque, que já estão trabalhando, 8 mil no estaleiro novo e 5 mil nos canteiros de módulos.

### **A Bahia tem essa mão de obra disponível hoje? Isso não se perdeu?**

Por isso será um desafio, mas pelo fato de a Bahia ter uma refinaria operando, um polo petroquímico, temos elementos para enfrentar esse programa de cara e ter sucesso. O estado reúne uma cultura nesse assunto.

### **Estão previstos investimentos em projetos de treinamento?**

Sim. Inclusive o curso de Engenharia Naval da Politécnica da UFBA terá bolsa integral, bancada pelo Prominp. Estamos criando um curso de mergulhador profissional aqui na Bahia para suprir nacionalmente esse tipo de mão de obra, porque hoje o maior curso de mergulho do país é de uma empresa baiana, a Belov. Quanto à questão principal, dos soldadores, é um desafio que teremos de pegar para valer. Estamos fazendo parcerias com a iniciativa privada, através da federação das indústrias (Fieba), tendo o Prominp como grande força. Ganhamos experiência nos últimos dez anos, desde a criação da Onip e depois do Prominp, e não vamos desperdiçar isso, nem inventar a roda.

### **Que tipo de obras serão feitas nos canteiros? Quem são os investidores?**

Serão canteiros muito competitivos, por serem de pequenas dimensões, até 100 mil m<sup>2</sup> cada um, que ficarão na Baía de Aratu, com acesso a tudo, energia, água, esgoto, estrada e mão de obra disponível, de São Tomé de Paripe e Piripiri. Esses canteiros estarão trabalhando tanto diretamente para a Petrobras como indiretamente, servindo aos grandes contratantes. A ideia é que cada um busque seu nicho de mercado. Isso independe do resultado da licitação das sondas ou de qualquer outro resultado. A decisão dos investidores de fazer os canteiros já está tomada. Os projetos são da GDK, da Bahia, da Multitec, de Minas Gerais, da Niplan, de São Paulo, e da Belov, também baiana. No segundo semestre de 2011, a Bahia disporá de quatro canteiros para o que der e vier, mas já estamos participando da construção de módulos da Petrobras através da GDK.

### **Por que investir na Bahia?**

Primeiro, porque nossa mão de obra devidamente treinada e qualificada é imbatível em produtividade. Tenho experiência nisso, e não estou falando apenas como homem de governo. Fui gerente de contratos em canteiros aqui e comprovamos isso, introduzindo novas tecnologias e vendo como o operário baiano se comporta. Se em outros canteiros havia 300 operários, nós tínhamos 100. Fazíamos o trabalho com mais qualidade e rapidez do que os demais. A turma se adapta rápido a novas tecnologias, desde que você entenda a cultura local. Segundo, o apoio do governo do estado, que está se posicionando ao lado do empresário, dando a ele todas as facilidades necessárias e apoio

em todos os campos, desde o licenciamento ambiental, passando pelo fornecimento do terreno e chegando à infraestrutura, como estradas, esgoto e água. E o próprio posicionamento do governador (Jaques Wagner), que tem sido muito aberto à geração de renda e emprego.

### **Além da mão de obra, qual o desafio da área naval?**

Outros empreendimentos saíram na frente, e estamos correndo atrás para recuperar posição. Não estamos na “pole position”, temos consciência disso. Estamos aprendendo com os pernambucanos, com os gaúchos e com os cariocas e não nos envergonhamos.

### **Mas há espaço para todos? O mercado questiona a pulverização.**

Aqueles que melhor se prepararem irão sobreviver e crescer. Gostaríamos de ser um desses. Se conseguimos isso no passado, por que não conseguiremos agora? Para as dimensões do país, quatro a cinco polos são desejáveis.

### **Quanto tempo é necessário para recapturar e qualificar a mão de obra?**

É programa para um a dois anos. É o tempo de construção do estaleiro. No caso dos módulos, vamos fazer um pique para treinar em seis, sete meses. Quem vai ditar a necessidade é o empresário. O que o governo vai fazer é trabalhar para fazer com ele seja bem atendido.